

CORTES BRUTAIS NA DESPESA PÚBLICA COM A EDUCAÇÃO, AUMENTO DAS DESIGUALDADES E HIPOTECA DO FUTURO DO PAÍS

Joseph Stiglitz, Nobel da Economia, no seu livro “*O Preço da Desigualdade*”, afirma que o corte na despesa pública em educação é uma causa importante do agravamento das desigualdades sociais em qualquer país. Analisando a situação atual dos Estados Unidos, este Nobel da economia escreveu: “*A desigualdade nos Estados Unidos tem subido de uma forma abrupta e é provável que continue a subir. Um dos motivos é a crescente desigualdade de oportunidades, relacionadas com as oportunidades educacionais. Um dos motivos está relacionado com o que tem acontecido nos últimos 25 anos: os estados têm retirado apoio ao ensino superior... Cerca de 80% dos estudantes não chegam a licenciarem-se*” (pág. 277). E ainda: “*A educação é fulcral para o êxito. No topo da pirâmide social, o país fornece uma educação que é das melhores do mundo. Por outro lado, o americano médio apenas tem acesso a educação média - a matemática, disciplina fundamental para se ter êxito em diversos domínios da vida moderna, o seu nível é medíocre. Um reflexo da desigualdade de oportunidades na sociedade americana no que toca à educação é a composição do universo de estudantes das universidades mais seletas do país. Apenas cerca de 9% dos estudantes provêm da metade inferior da pirâmide social, enquanto os restantes 74% provêm da quarta parte mais alta da escala social*” (pág.79). “*O acesso a uma educação de qualidade depende cada vez mais dos rendimentos, da riqueza e da educação os pais, havendo uma forte razão para isso: um curso superior está a tornar-se cada vez mais caro, sobretudo porque os governos cortam os apoios sociais e, como sabemos, o acesso às melhores universidades depende da frequência nas melhores secundárias, primárias e infantários*” (pág.143).

A citação é longa, e embora se refira à sociedade americana atual, tem o mérito também de mostrar com clareza as consequências da política do governo PSD/CDS e da “*troika*” em Portugal, agravada ainda pelo facto que, para além dos cortes significativos na despesa pública com educação, incluindo o ensino superior, como iremos mostrar, o desemprego e a miséria tem aumentado de uma forma significativa no nosso país. E esta dificuldade crescente das famílias portuguesas para suportarem o custo da educação dos seus filhos devido à redução da despesa pública com a educação é uma fonte importante de desigualdades, a juntar a muitas outras como os cortes nos rendimentos, já que quem não tem uma elevada escolaridade/qualificação não tem acesso aos empregos mais bem remunerados. O quadro 1, construído com base em dados constantes da publicação da OCDE – “*Education at a Glance 2013 – OCDE indicators* - mostra com clareza isso.

Quadro 1 – Relação do ganho médio por idade e por nível de escolaridade - 2010
Pós-secundário e não licenciatura = 100 - FONTE: OCDE

		Below upper secondary education			Post-secondary non-tertiary education			Tertiary-type B education			Tertiary-type A and advanced research programmes			All tertiary education			
		25-64	25-34	55-64	25-64	25-34	55-64	25-64	25-34	55-64	25-64	25-34	55-64	25-64	25-34	55-64	
		(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	
Portugal	2010	Men	67	79	52	98	102	87	161	143	150	175	158	193	173	156	184
		Women	68	78	51	112	116	118	157	146	155	173	167	199	171	165	188
		M+W	69	81	51	104	108	96	159	144	154	171	159	201	170	158	191

Segundo a OCDE, em 2010, tomando como base de comparação o ganho médio de um trabalhador com a idade entre os 25-34 anos e com um nível de escolaridade “*Pós-secundário sem licenciatura*”, conclui-se que um trabalhador com a mesma idade e com o ensino básico ganhava, em média, em Portugal menos 25%, e se tivesse a licenciatura ganhava, em média, mais 46,3%. O nível contribui logo à partida para a estratificação social.

O CORTE SIGNIFICATIVO NAS DESPESAS COM A EDUCAÇÃO, COM A CIÊNCIA E O ENSINO SUPERIOR CONTRIBUI PARA AGRAVAR AS DESIGUALDADES EM PORTUGAL

O quadro 2, construído com dados entregues na Assembleia da República pelo Ministério da Educação e Ciência, aquando dos debates do Orçamento do Estado para 2012, 2013 e 2014, mostram com clareza que a política de austeridade do governo PSD/CDS e da “*troika*” é uma política que não olha meios para satisfazer os dos credores (bancos, fundos, companhias de

seguros, FMI, BCE, U.E..), mesmo que isso seja à custa do agravamento das desigualdades e mesmo que hipoteque o futuro do país.

Quadro 2 – Variação da despesa pública na Educação, Ensino Superior e Ciência durante o governo PSD/CDS e “troika”

RÚBRICAS	2011 Milhões €	2013 Milhões €	2014 Milhões €	Variação 2011-2013 Milhões €	Var. 2011/13 %
I-ENSINO BÁSICO, SECUNDÁRIO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR					
1. EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO	5.623,9	4.976,2	4.296,2	-1.327,7	-23,6%
Ensino Público	5.398,7	4.778,2	4.101,6	-1.297,1	-24,0%
Ensino Particular e cooperativo	217,3	186,6	182,6	-34,7	-16,0%
Difusão língua e cultura no estrangeiro	7,9	11,9	11,9	4,0	51,2%
2. EDUCAÇÃO ESPECIAL	234,0	212,3	198,2	-35,8	-15,3%
3. EDUCAÇÃO FORMAÇÃO JOVENS	518,8	468,1	435,8	-83,0	-16,0%
4. EDUCAÇÃO FORMAÇÃO ADULTOS	59,1	45,2	36,3	-22,8	-38,6%
5. AÇÃO SOCIAL ESCOLAR	177,8	196,4	202,4	24,6	13,8%
6. COMPLEMENTOS EDUCATIVOS	100,9	90,8	52,9	-48,0	-47,6%
7. ADMINISTRAÇÃO SERV. TUTELADOS	102,1	81,1	78,8	-23,2	-22,8%
8. RESERVA ORÇAMENTAL			174,6		
TOTAL	6.816,6	6.070,0	5.475,2	-1.341,4	-19,7%
II-CIÊNCIA E ENSINO SUPERIOR					
1. CIÊNCIA	488,2	416,4	405,6	-82,6	-16,9%
2. ENSINO SUPERIOR	1.763,2	1.760,8	1.622,0	-141,2	-8,0%
Ensino Universitário	1.291,1	1.321,3	1.207,0	-84,1	-6,5%
Ensino Politécnico	427,1	402,8	378,8	-48,3	-11,3%
Escolas Superiores não integradas	40,5	36,7	36,3	-4,2	-10,3%
Estado Universitário de Lisboa	4,5			-4,5	
3. OUTRAS ENTIDADES PÚBLICAS RECLASSIFICADAS	4,5		36,1	31,6	707,2%
4. AÇÃO ESCOLAR	222,8	185,6	188,1	-34,7	-15,6%
5. SERVIÇOS DE APOIO	25,2	8,0	7,9	-17,3	-68,8%
6. RESERVA ORÇAMENTAL			8,5	8,4	
TOTAL	2.499,4	2.370,7	2.268,1	-231,3	-9,3%

FONTE : Orçamento por Ações -2013 e 2014 - Ministério da Educação e Ciência- Assembleia República

Entre 2011 e 2014, com o governo PSD/CDS e “troika”, o corte na despesa pública com o ensino básico e secundário atinge 1.327,7 milhões € (- 23,6%), na Ciência atinge 82,6 milhões € (- 16,9%) e no Ensino Superior o corte é de 141,2 milhões € (-8%). Se fizer uma análise mais fina conclui-se que até a “Educação Especial” o corte atinge 35,8 milhões € (menos 15,3% entre 2011 e 2014), e o apoio social aos estudantes do ensino superior (Ação Escolar) registou um corte de 34,7 milhões € (-15,6%). Pode-se dizer com razão que este governo e esta “troika” consideram a educação, o ensino superior e a ciência como “luxos” que quem quiser ter acesso a eles tem de pagar cada vez mais do seu bolso, e quem não tiver dinheiro para pagar deixará de ter acesso a estes bens públicos.

Mas os dados anteriores ainda não traduzem de uma forma completa o que tem sido para Portugal a política da “troika” e do governo PSD/CDS. Em primeiro lugar porque os valores de despesa pública anteriores são em termos nominais, ou seja, antes de deduzirmos o efeito do aumento de preços. Se os transformamos reais (deduzindo o efeito dos preços verificada entre 2011 e 2014), o corte total real no ensino básico e secundário foi de 25,7% (menos 1.751,6M€) e no Ensino Superior e Ciência foi de 16,1% (menos 401,2M€). Em segundo lugar, segundo a OCDE (*Education at a Glance 2013 – Indicators*) a despesa medida em dólares PPP (eliminando a diferença de preços) em 2010 por estudante em Portugal já era significativamente inferior à média dos países da U.E.: (1) Ensino básico: Portugal; \$5.922; U.E.: \$ 8.277 (+39,8%); (2) Secundário: Portugal: \$ 8.882; U.E.: \$ 9.471 (+6,6%); (3) Ensino Superior: Portugal \$ 10.578; U.E.: \$ 12.856 (+21,5%). Se se tiver presente que, segundo também a OCDE, em Portugal, entre 2000 e 2010, a despesa privada das famílias com a educação aumentou 5 vezes, pois passou de 1,4% para 7,4% do total (no ensino superior subiu de 10% para 30%), rapidamente se conclui que, com a atual política, o acesso ao ensino de qualidade está a tornar cada vez mais caro e acessível gradualmente a uma minoria.

Eugénio Rosa – Economista –15-12-2013 edr2@netcabo.pt